

ECOPEDAGOGIA: UMA ABORDAGEM CRÍTICA PARA A EDUCAÇÃO AMBIENTAL E A CIDADANIA PLANETÁRIA

ECOPEDAGOGY: A CRITICAL APPROACH TO ENVIRONMENTAL EDUCATION AND PLANETARY CITIZENSHIP

DOUGLAS MANOEL ANTONIO DE ABREU PESTANA DOS SANTOS¹

RESUMO: A ecopedagogia emerge como uma abordagem educacional crítica diante das crises socioambientais contemporâneas, propondo uma concepção de ensino que transcende a mera transmissão de conhecimentos sobre o meio ambiente e avança para a construção de uma consciência planetária. Fundamentada na pedagogia crítica de Paulo Freire (1994), a ecopedagogia problematiza as interconexões entre sistemas sociais, políticos, econômicos e ecológicos, destacando que a degradação ambiental é indissociável das estruturas de dominação e exploração características do capitalismo tardio (Gadotti, 2000). Diferentemente das abordagens tradicionais da educação ambiental, que frequentemente se limitam a ações pontuais e prescritivas, a ecopedagogia propõe uma educação emancipatória, voltada para a transformação social e ecológica. Seus princípios orientam práticas pedagógicas que fomentam o protagonismo dos educandos na construção de uma relação sustentável e ética com a natureza. No entanto, essa abordagem enfrenta desafios teóricos e práticos, sobretudo no que se refere à necessidade de um pensamento mais dialógico e pluralista, que contemple as perspectivas indígenas e dos povos tradicionais, frequentemente marginalizadas no discurso ecológico dominante (Gutiérrez & Prado, 1999). Conclui-se que a ecopedagogia representa uma alternativa epistemológica relevante na construção de uma cidadania planetária, comprometida com a justiça socioambiental e a sustentabilidade.

Palavras-chave: ecopedagogia, educação ambiental crítica, cidadania planetária, sustentabilidade, justiça ecológica.

ABSTRACT: Ecopedagogy emerges as a critical educational approach in response to contemporary socio-environmental crises, proposing an educational framework that transcends the mere transmission of environmental knowledge and advances toward the construction of planetary consciousness. Grounded in Paulo Freire's critical pedagogy (1994), ecopedagogy problematizes the interconnections between social, political, economic, and ecological systems, emphasizing that environmental degradation is inseparable from the structures of domination and exploitation characteristic of late capitalism (Gadotti, 2000). Unlike traditional environmental education approaches, which often focus on prescriptive and fragmented actions, ecopedagogy proposes an emancipatory education aimed at social and ecological transformation. Its principles guide pedagogical practices that foster learners' agency in constructing a sustainable and ethical relationship with nature. However, this approach faces theoretical and practical challenges, particularly in the need for a more dialogical and pluralistic perspective that includes Indigenous and traditional knowledge, often marginalized in dominant ecological discourse (Gutiérrez & Prado, 1999). It is

¹ Psychoanalyst and researcher, holding a degree in Pedagogy with a focus on inclusion and diversity, as well as a Bachelor's degree in Administration. Specialist in Educational Technologies from the University of São Paulo (USP). Currently serves as a volunteer research collaborator at the Otavio Frias Filho Chair of Studies in Communication, Democracy, and Diversity, affiliated with the Institute of Advanced Studies at USP (IEA-USP). Member of the Brazilian Society for the Advancement of Science (SBPC). His current research in the field of education focuses on analyzing Autism Spectrum Disorder (ASD) in the context of migrants in basic education at the Federal University of São Paulo (UNIFESP), with support from the Coordination for the Improvement of Higher Education Personnel (CAPES). E-mail: douglas.pestana@unifesp.br

concluded that ecopedagogy represents a relevant epistemological alternative in constructing planetary citizenship committed to socio-environmental justice and sustainability.

Keywords: ecopedagogy, critical environmental education, planetary citizenship, sustainability, ecological justice.

INTRODUÇÃO

O modelo hegemônico de desenvolvimento adotado nas sociedades contemporâneas tem resultado em um processo acelerado de degradação ambiental, marcado pelo colapso climático e pela exploração predatória dos recursos naturais. Nesse contexto, a ecopedagogia se apresenta como um campo epistemológico emergente, que busca integrar a reflexão crítica sobre as questões ambientais às dinâmicas sociais e políticas (Gadotti, 2000). Diferente de abordagens ambientalistas convencionais, que frequentemente reduzem a educação ambiental a um discurso moralizante e tecnocrático, a ecopedagogia propõe uma perspectiva libertadora e emancipatória, inspirada na pedagogia crítica de Paulo Freire (1994).

A premissa fundamental da ecopedagogia reside na ideia de que a educação deve transcender a simples transmissão de informações sobre o meio ambiente e promover uma consciência planetária (Gutiérrez & Prado, 1999). Isso significa compreender que as crises ecológicas não são fenômenos isolados, mas resultam de processos históricos e estruturais que envolvem desigualdades sociais, econômicas e políticas (Capra, 2002). Assim, a ecopedagogia se diferencia das abordagens tradicionais ao considerar o meio ambiente como uma construção social e política, questionando a naturalização da crise ambiental e propondo ações educativas que articulem justiça ecológica e justiça social (Léff, 2001).

A educação voltada para a sustentabilidade emerge como um paradigma educacional que transcende os limites das disciplinas tradicionais, incorporando uma abordagem transdisciplinar e holística, conforme destacado por Gadotti (1998b). Essa renovação pedagógica não se restringe à mera transmissão de conteúdos sobre o meio ambiente, mas propõe uma reflexão crítica sobre os impactos deletérios do estilo de vida pautado pelo consumismo e pela degradação ambiental. Diante da crescente crise ecológica, torna-se imperativo estimular uma ressignificação das práticas individuais e coletivas, promovendo uma nova forma de consciência socioambiental que questione a lógica predatória vigente e incite a transformação das relações humanas, sociais e ambientais (Gadotti, 1998b).

Nesse contexto, a chamada educação para a sustentabilidade, também referida como educação para o desenvolvimento sustentável, possui raízes na educação ambiental, conforme argumenta Lima (2002). No entanto, essa vertente educacional não se limita à reprodução dos princípios tradicionais da educação ambiental; pelo contrário, surge como um esforço para superar as limitações inerentes às práticas

pedagógicas ambientais convencionais, especialmente no cenário educacional europeu (Lima, 2002). A necessidade de repensar tais abordagens advém do reconhecimento de que a crise ecológica não pode ser combatida por meio de estratégias fragmentadas e pontuais, mas requer uma mudança estrutural nos processos educativos e na formação cidadã.

Assim, a educação para a sustentabilidade configura-se como uma resposta à ineficácia de modelos tradicionais que, muitas vezes, reduzem as questões ambientais a um campo tecnicista ou meramente comportamental. Ela propõe uma reorientação do pensamento e da ação pedagógica, priorizando uma visão sistêmica e emancipatória, na qual a interdependência entre fatores ecológicos, sociais e econômicos seja amplamente debatida e incorporada ao cotidiano escolar e comunitário. Essa perspectiva exige um deslocamento do eixo educacional, passando de uma abordagem prescritiva para uma concepção que fomenta o engajamento crítico e a participação ativa dos indivíduos na construção de sociedades sustentáveis.

FUNDAMENTOS TEÓRICOS DA ECOPEDAGOGIA

A ecopedagogia tem suas raízes na pedagogia crítica de Paulo Freire, que enfatiza o papel da educação na construção de sujeitos críticos e transformadores da realidade (Freire, 2002). Assim como a pedagogia freiriana rompe com a concepção bancária da educação, que trata o aluno como mero receptáculo de informações, a ecopedagogia rejeita abordagens ambientalistas passivas e conservadoras, que responsabilizam o indivíduo de forma isolada pelos impactos ecológicos, desconsiderando as estruturas sistêmicas da crise ambiental (Gadotti, 2000).

Gutiérrez e Prado (1999) argumentam que a ecopedagogia deve atuar sobre a conscientização crítica dos educandos, promovendo práticas educativas que relacionem o conhecimento ecológico às realidades sociopolíticas e culturais. Nessa perspectiva, o conceito de "cidadania planetária" ganha centralidade, pois enfatiza a interdependência entre os sistemas ecológicos e as dinâmicas humanas, reafirmando a necessidade de uma ética socioambiental comprometida com a sustentabilidade e a equidade.

A ecopedagogia, enquanto abordagem crítica da educação ambiental, fundamenta-se em princípios teóricos oriundos da pedagogia crítica e dos estudos socioambientais. Suas bases epistemológicas estão ancoradas na concepção freiriana de educação como prática de liberdade, aliada a uma compreensão sistêmica das relações entre sociedade e meio ambiente. Para além de uma perspectiva meramente

descritiva ou normativa, a ecopedagogia propõe uma reflexão transformadora sobre as relações humanas com a natureza, considerando a complexidade dos processos sociais, políticos e econômicos que condicionam as crises ecológicas contemporâneas (Gadotti, 2000).

Paulo Freire (1994), um dos principais teóricos que influenciaram a ecopedagogia, argumenta que a educação deve ser dialógica, emancipatória e voltada para a construção de sujeitos críticos e participativos. Esse princípio é fundamental para a ecopedagogia, que rejeita a concepção de educação bancária – aquela em que o conhecimento é depositado de forma passiva nos educandos – e propõe uma educação problematizadora, capaz de situar os indivíduos como agentes transformadores da realidade socioambiental. Dessa forma, a ecopedagogia não se limita a ensinar conteúdos sobre o meio ambiente, mas busca instigar um pensamento reflexivo que relacione as causas estruturais da degradação ambiental às desigualdades sociais e econômicas.

Além de Freire, outro teórico essencial para a ecopedagogia é Moacir Gadotti (2000), que enfatiza a necessidade de uma pedagogia da Terra, baseada em uma consciência planetária. Para Gadotti, a educação precisa superar a fragmentação disciplinar e incorporar uma visão holística que articule saberes ambientais, culturais e éticos em uma perspectiva transdisciplinar. A ecopedagogia, nesse sentido, propõe uma ruptura com modelos tradicionais de ensino, que frequentemente tratam as questões ecológicas de maneira isolada, desconsiderando sua interconexão com processos econômicos, políticos e históricos.

A concepção de *cidadania planetária* é outro fundamento central da ecopedagogia. Esse conceito, amplamente discutido por Gutiérrez e Prado (1999), aponta para a necessidade de uma nova ética educacional, que reconheça a interdependência entre os seres humanos e o meio ambiente. Diferente das abordagens convencionais de educação ambiental, que frequentemente focam apenas no comportamento individual, a ecopedagogia busca uma transformação estrutural das relações entre sociedade e natureza, promovendo uma visão integrada e participativa da sustentabilidade.

Do ponto de vista epistemológico, a ecopedagogia se insere no campo da complexidade, conforme argumentado por Edgar Morin (2005). O pensamento complexo desafia a visão reducionista e mecanicista predominante na modernidade, propondo uma abordagem sistêmica que compreenda as interações dinâmicas entre os diferentes componentes da realidade. Nesse contexto, a ecopedagogia se alinha à necessidade de um ensino que não se limite a categorizações rígidas, mas que favoreça uma leitura integrada dos fenômenos socioambientais.

A crítica ao antropocentrismo é outro aspecto essencial da ecopedagogia. Capra (2002) ressalta que a crise ecológica está diretamente ligada a uma visão de mundo que coloca o ser humano no centro das relações ambientais, promovendo a exploração desenfreada dos recursos naturais. A ecopedagogia, ao contrário, propõe uma mudança paradigmática, baseada no reconhecimento da interdependência entre todos os seres vivos e na adoção de uma ética biocêntrica. Essa mudança de perspectiva implica um novo modelo educacional que promova a empatia ecológica e a responsabilidade socioambiental.

A ecopedagogia também se fundamenta na teoria da justiça ambiental, que problematiza as desigualdades na distribuição dos impactos ambientais entre diferentes grupos sociais. Segundo Léff (2001), a degradação ambiental não é um fenômeno neutro, mas reflete relações de poder que privilegiam determinados setores da sociedade em detrimento de outros. Nesse sentido, a ecopedagogia deve ir além da simples sensibilização ecológica, incorporando uma abordagem crítica que denuncie e confronte as injustiças ambientais.

Outro aspecto teórico relevante é a relação entre ecopedagogia e os conhecimentos tradicionais e indígenas. Muitos dos paradigmas sustentáveis que a ecopedagogia defende já fazem parte do modo de vida de diversas comunidades tradicionais, que historicamente desenvolveram práticas de manejo sustentável dos recursos naturais (BERKES, 1999). No entanto, tais saberes são frequentemente marginalizados pela ciência ocidental. A ecopedagogia busca resgatar e valorizar esses conhecimentos, promovendo um diálogo intercultural que fortaleça alternativas sustentáveis baseadas na diversidade epistemológica.

A crítica ao consumismo também é um eixo estruturante da ecopedagogia. De acordo com Bauman (2008), a sociedade contemporânea é marcada por um modelo de consumo desenfreado, que não apenas degrada o meio ambiente, mas também reforça relações sociais pautadas pela superficialidade e pelo desperdício. A ecopedagogia, nesse sentido, propõe uma educação que estimule uma postura crítica em relação às lógicas do mercado, promovendo valores de solidariedade, cooperação e consumo responsável.

A dimensão política da ecopedagogia é igualmente relevante. Segundo Loureiro (2004), a educação ambiental deve estar alinhada com processos de participação cidadã e mobilização social. Não basta conscientizar os indivíduos sobre os problemas ecológicos; é necessário capacitá-los para a ação coletiva, incentivando a incidência política e a construção de políticas públicas sustentáveis. Assim, a ecopedagogia deve articular-se com os movimentos sociais, potencializando suas reivindicações e fortalecendo suas estratégias de luta.

Além disso, a ecopedagogia reflete sobre os impactos da globalização neoliberal na crise ambiental. Harvey (2005) argumenta que a lógica da acumulação capitalista intensificou os processos de degradação ambiental, ao transformar a natureza em mercadoria e aprofundar as desigualdades sociais. A ecopedagogia, ao compreender essas dinâmicas, propõe uma crítica contundente ao modelo hegemônico de desenvolvimento, defendendo alternativas baseadas na justiça ecológica e social.

A relação entre tecnologia e sustentabilidade também se apresenta como um tema relevante no debate ecopedagógico. Enquanto algumas correntes defendem que os avanços tecnológicos podem mitigar os impactos ambientais, autores como Latour (2004) alertam para os riscos de uma dependência excessiva de soluções tecnológicas, sem uma reflexão crítica sobre suas consequências. A ecopedagogia, portanto, deve abordar a tecnologia de forma crítica, promovendo seu uso em sintonia com princípios ecológicos e sociais.

A interdisciplinaridade é outro princípio essencial da ecopedagogia. Como argumentam Nicolescu (1999) e Gadotti (2000), a fragmentação do conhecimento nas disciplinas escolares tradicionais dificulta a compreensão das questões ambientais em sua complexidade. A ecopedagogia propõe, portanto, uma abordagem interdisciplinar, que articule diferentes áreas do conhecimento em torno de problemas socioambientais concretos.

Com isso, a ecopedagogia deve ser compreendida como um projeto educativo em permanente construção. Ao contrário de uma proposta rígida e fechada, ela se apresenta como um campo dinâmico, aberto a novas reflexões e adaptações. Seu compromisso é com a transformação social e ecológica, e, para isso, deve estar em constante diálogo com os desafios e contradições do mundo contemporâneo.

Dessa forma, os fundamentos teóricos da ecopedagogia revelam sua natureza crítica e transformadora, articulando pedagogia crítica, pensamento complexo, justiça ambiental e saberes tradicionais em uma proposta educacional inovadora. Ao romper com modelos reducionistas e conservadores, a ecopedagogia se posiciona como uma alternativa essencial para a construção de sociedades sustentáveis e socialmente justas.

OBJETIVOS E PRINCÍPIOS

A ecopedagogia estabelece princípios que orientam práticas pedagógicas transformadoras, tais como:

- i. *Superação do antropocentrismo*: a educação não deve mais ser estruturada a partir da dicotomia homem-natureza, mas sim por uma compreensão ecocêntrica, que reconheça a interdependência entre todos os seres vivos (Capra, 2002).
- ii. *Crítica ao consumismo e ao produtivismo*: a crise ambiental está intrinsecamente ligada ao modelo capitalista de produção e consumo, e, portanto, a ecopedagogia deve problematizar a lógica do mercado e suas consequências destrutivas (Léff, 2001).
- iii. *Interdisciplinaridade e contextualização*: o ensino deve articular saberes de diversas áreas do conhecimento, promovendo uma visão sistêmica das problemáticas ambientais e sociais (Gadotti, 2000).
- iv. *Participação e protagonismo dos educandos*: a aprendizagem não pode ser passiva; deve ser orientada para ações concretas de transformação social e ecológica (Gutiérrez & Prado, 1999).

A ecopedagogia, enquanto abordagem educativa crítica, estabelece uma série de princípios que orientam práticas pedagógicas transformadoras de sociedades, evoluindo para a construção de uma construção sustentável e justa.

Entre esses princípios destacam-se: a superação do antropocentrismo, a crítica ao consumismo e ao produtivismo, a interdisciplinaridade e contextualização, e a participação e protagonismo dos educandos. A seguir, cada um desses princípios será pensado de forma ampla e argumentativa, considerando contextos atuais e referências relevantes na área.

A ecopedagogia propõe uma ruptura com a visão antropocêntrica que coloca o ser humano no centro do universo, promovendo uma compreensão ecocêntrica que confirma a interdependência entre todos os seres vivos. Capra (2002) argumenta que essa mudança de paradigma é essencial para enfrentar as crises ambientais contemporâneas, pois o antropocentrismo tem levado à exploração desenfreada dos recursos naturais e à manipulação dos ecossistemas. Ao adotar uma perspectiva ecocêntrica, a educação passa a valorizar todas as formas de vida, promovendo uma ética de cuidado e respeito pela natureza.

A crise ambiental está intrinsecamente ligada ao modelo capitalista de produção e consumo, que incentiva o consumo e o produtivismo desenfreados. Léff (2001) destaca que a ecopedagogia deve problematizar a lógica do mercado e suas consequências destrutivas, promovendo uma reflexão crítica sobre os padrões de consumo e a busca incessante pelo crescimento econômico. Nesse sentido, a educação

deve promover práticas de consumo consciente e sustentável, questionando a cultura do compromisso e valorizando a simplicidade voluntária.

A complexidade das questões ambientais exige uma abordagem interdisciplinar que articule saberes de diversas áreas do conhecimento. Gadotti (2000) enfatiza que o ensino deve promover uma visão sistêmica dos problemas ambientais e sociais, superando a fragmentação do saber. A contextualização dos conteúdos é fundamental para que os educandos compreendam as inter-relações entre as características naturais e sociais, desenvolvendo uma compreensão holística do mundo.

A ecopedagogia defende que a aprendizagem não pode ser passiva; deve ser orientado para ações concretas de transformação social e ecológica. Gutiérrez e Prado (1999) afirmam que os educandos devem ser protagonistas de seu processo educativo, participando ativamente na construção do conhecimento e na implementação de projetos que visem à sustentabilidade. Essa abordagem estimula o desenvolvimento da autonomia, da responsabilidade e do compromisso com a comunidade e o meio ambiente.

A ecopedagogia visa formar cidadãos planetários, conscientes de sua responsabilidade global e comprometidos com a justiça socioambiental. Segundo Gadotti (2000), a educação deve promover valores de solidariedade, cooperação e respeito à diversidade cultural e biológica, formando os educandos para atuarem no prol de um mundo mais justo e sustentável. A Carta da Terra, por exemplo, é um documento que oferece diretrizes para a construção dessa cidadania planetária, integrando princípios éticos fundamentais para a sustentabilidade (Sgnaulin & Dickmann, 2024).

A ecopedagogia confirma a importância dos saberes tradicionais e locais na construção de práticas sustentáveis. Berkes (1999) destaca que muitas comunidades indígenas e tradicionais possuem conhecimentos ecológicos profundos e isso precisa ser considerado.

DESAFIOS E CRÍTICAS

A ecopedagogia, enquanto vertente emergente da educação ambiental, tem sido alvo de críticas que apontam para a necessidade de um aprofundamento epistemológico e para o risco de instrumentalização do conceito de sustentabilidade por agentes corporativos e governamentais. No entanto, é imperativo considerar que tais críticas, embora pertinentes, não esgotam o potencial transformador da ecopedagogia.

Indo direto ao ponto, a acusação de que a ecopedagogia adota um discurso generalista desconsidera a sua capacidade de adaptação às diversas realidades socioambientais. A flexibilidade amigável à

ecopedagogia permite que ela seja moldada conforme as especificidades culturais, ecológicas e sociais de diferentes contextos, promovendo uma educação ambiental que é simultaneamente global e local. Essa característica dialética possibilita uma abordagem holística, que integra conhecimentos tradicionais e científicos, fomentando uma compreensão ampla e profunda das questões ambientais.

Além disso, a crítica referente à instrumentalização da sustentabilidade por empresas e governos para perpetuar modelos de exploração ambiental ignora o potencial da ecopedagogia em promover uma consciência crítica. Ao enfatizar uma reflexão crítica sobre as práticas de desenvolvimento sustentável, a ecopedagogia capacita os educando a discernir entre iniciativas genuinamente sustentáveis e aquelas que utilizam o discurso ambiental como fachadas para interesses predatórios. Dessa forma, longe de ser cúmplice da instrumentalização, a ecopedagogia atua como antídoto contra a superficialidade das políticas de sustentabilidade que não promovem mudanças estruturais.

É crucial também considerar que a ecopedagogia, ao integrar princípios de justiça social e ambiental, oferece uma abordagem educativa que transcende a mera transmissão de conhecimentos ecológicos. Ela busca formar sujeitos ecológicos, comprometidos com a transformação social e com a construção de uma sociedade sustentável. Essa perspectiva educativa promove a inclusão de vozes marginalizadas nos debates ambientais, garantindo que as questões ecológicas estão intrinsecamente ligadas às dinâmicas de poder e desigualdade social.

Além disso, a ecopedagogia incentiva a participação ativa dos educandos na construção do conhecimento, valorizando experiências locais e saberes comunitários. Essa abordagem participativa contrasta com modelos educativos tradicionais que frequentemente exigem conhecimentos de forma hierárquica e descontextualizada.

ECOPEDAGOGIA E A AGENDA 2030: UMA EDUCAÇÃO PARA A SUSTENTABILIDADE

A crise socioambiental contemporânea desafia a humanidade a repensar suas relações com o planeta e a reformular modelos de desenvolvimento e educação. A Agenda 2030 das Nações Unidas estabelece objetivos claros para um futuro mais sustentável, nos quais a educação desempenha um papel central. Nesse contexto, a Ecopedagogia emerge como uma abordagem que integra valores, práticas e reflexões voltadas à sustentabilidade, promovendo uma educação transformadora e emancipadora.

A Ecopedagogia, conforme proposto por Francisco Gutiérrez e aprofundado por Moacir Gadotti (2000), é uma abordagem pedagógica que enfatiza a interdependência entre os seres humanos e a natureza, promovendo uma educação centrada na sustentabilidade. Gadotti (2009, p. 12) afirma que "*A Ecopedagogia tem tudo a ver com uma educação para a Sustentabilidade*", sublinhando que essa perspectiva educacional está intrinsecamente ligada aos desafios ambientais globais e à necessidade de um novo modelo de desenvolvimento.

A Ecopedagogia propõe uma educação pautada em princípios éticos e holísticos, onde a aprendizagem não se limita ao conhecimento formal, mas inclui vivências e práticas sustentáveis que possibilitem uma nova consciência ambiental e cidadã.

A Agenda 2030 das Nações Unidas estabelece 17 Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS), visando erradicar a pobreza, proteger o planeta e garantir que todas as pessoas desfrutem de paz e prosperidade até 2030. No âmbito educacional, o ODS 4 ("Educação de qualidade") e, especificamente, sua meta 4.7, enfatiza a importância de assegurar que todos os alunos adquiram os conhecimentos e habilidades necessários para promover o desenvolvimento sustentável.

Dessa forma, a Ecopedagogia se torna um instrumento essencial para a concretização das metas educacionais da Agenda 2030, ao integrar a educação ambiental e a consciência crítica sobre questões socioambientais e econômicas globais.

A Ecopedagogia oferece estratégias concretas para a implementação dos ODS no contexto educacional. Algumas das principais práticas incluem:

- i. *Educação baseada na experiência:* O aprendizado deve ser vivencial, permitindo que os estudantes interajam com o meio ambiente e compreendam a sustentabilidade na prática.
- ii. *Currículo interdisciplinar:* A abordagem ecopedagógica propõe a transversalidade dos temas ambientais nos diferentes componentes curriculares, promovendo uma visão sistêmica da sustentabilidade.
- iii. *Projetos socioambientais:* Incentivar os estudantes a desenvolverem projetos de impacto comunitário, como hortas escolares, gestão de resíduos e eficiência energética.

- iv. *Pedagogia da problematização*: Inspirada em Paulo Freire, a Ecopedagogia propõe uma educação dialógica que estimule a reflexão crítica sobre as contradições do modelo de desenvolvimento vigente.

A educação para o desenvolvimento sustentável, alicerçada na Ecopedagogia, busca fomentar uma cidadania planetária, conforme argumenta Gadotti (2000). Isso significa preparar indivíduos para atuarem em prol de um mundo mais justo, solidário e ambientalmente equilibrado, superando paradigmas individualistas e economicistas.

A Ecopedagogia representa um caminho essencial para a efetivação dos objetivos da Agenda 2030 no campo educacional. Ao integrar práticas sustentáveis, fomentar a conscientização ambiental e estimular uma aprendizagem significativa, essa abordagem contribui para a construção de um futuro mais equitativo e ecologicamente responsável. Cabe às instituições de ensino, aos educadores e à sociedade como um todo adotarem e difundirem essa perspectiva pedagógica para que a educação cumpra seu papel transformador.

POR UMA QUASE CONCLUSÃO

A Ecopedagogia surge como uma abordagem educacional fundamental para enfrentar os desafios ambientais e sociais contemporâneos, consolidando-se como um campo de conhecimento inter e transdisciplinar que articula práticas pedagógicas críticas à promoção de uma consciência planetária. Seu compromisso com a formação de sujeitos ecológicos e socialmente responsáveis coloca a educação no cerne das transformações realizadas para a construção de sociedades mais justas, sustentáveis e resilientes.

Entretanto, para que sua efetivação seja ampliada e aprofundada, é imprescindível que a Ecopedagogia avance na construção de bases epistemológicas robustas, evitando reducionismos ambientalistas que desconsiderem os aspectos políticos e estruturais das crises socioambientais. A ampliação do diálogo intercultural é igualmente essencial, incorporando saberes tradicionais e indígenas como elementos centrais para o compensador das relações entre a humanidade e a humanidade na

Além disso, em um contexto de crise climática e manipulação dos ecossistemas, a Ecopedagogia deve tensionar as estruturas educacionais convencionais, deslocando a centralidade do modelo econômico neoliberal para perspectivas de bem-viver e desenvolvimento regenerativo. Isso exige uma atuação crítica frente às políticas públicas e às diretrizes curriculares, promovendo práticas pedagógicas que não apenas informem, mas formem cidadãos comprometidos com ações coletivas para a transformação

Portanto, a Ecopedagogia se consolida como um campo em expansão, mas que exige um aprofundamento teórico e metodológico constante. Somente por meio de uma educação verdadeiramente comprometida com a justiça climática e a equidade social será possível romper com as lógicas predatórias vigentes e fomentar um novo pacto civilizatório ancorado na ética do cuidado e na corresponsabilidade planetária.

REFERÊNCIAS

- BAUMAN, Z. *Vida para consumo: a transformação das pessoas em mercadorias* . Rio de Janeiro: Zahar, 2008.
- BERKES, F. *Ecologia sagrada: conhecimento ecológico tradicional e gestão de recursos* . Filadélfia: Taylor & Francis, 1999.
- CAPRA, F. *As conexões ocultas: ciência para uma vida sustentável* . São Paulo: Cultrix, 2002.
- FREIRE, P. *Pedagogia da autonomia* . São Paulo: Paz e Terra, 2002.
- FREIRE, P. *Pedagogia do oprimido* . Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1994.
- GADOTTI, M. *Ecopedagogia e educação para a sustentabilidade* . [Disponível em: [inserir link, se houver](#)].
- GADOTTI, M. *Pedagogia da Terra: ecopedagogia e educação sustentável* . São Paulo: Peirópolis, 2000.
- GADOTTI, M. *Pedagogia da terra: ecopedagogia e educação sustentável* . In: TORRES, Carlos Alberto (Org.). *Paulo Freire e a agenda da educação latino-americana no século XXI* . Buenos Aires: Clacso, 2001. p. 81-132.
- GUTIÉRREZ, F.; PRADO, C. *Ecopedagogia e cidadania planetária* . São Paulo: Cortez, 1999.
- HARVEY, D. *O novo imperialismo* . São Paulo: Loiola, 2005.
- LÉFF, E. *Saber ambiental: sustentabilidade, racionalidade e complexidade* . Petrópolis: Vozes, 2001.
- LIMA, GF *Educação ambiental e sustentabilidade* . São Paulo: Cortez, 2002.
- NICOLESCU, B. *A transdisciplinaridade: manifesto* . São Paulo: TRIOM, 1999.
- ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS (ONU). *Transformando nosso mundo: a Agenda 2030 para o Desenvolvimento Sustentável* . 2015.